

O DISCURSO SOBRE A MORTE EM MANCHETES DE JORNAIS: O CASO DO AGENTE DE TRÂNSITO NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB

Adriana Adelino Bezerra (1); Elaine da Silva Reis (2)

Faculdades Integradas de Patos – E-mail: adrianaadel@hotmail.com (1);

Universidade Federal da Paraíba – E-mail: elainereis1406@gmail.com (2)

Resumo: A manchete de jornal se constitui como um gênero discursivo que costuma chamar a atenção dos leitores, devido ao fato de abordar temáticas que estão presentes no dia-a-dia das pessoas e, principalmente, por estar em evidência na sociedade. Por meio desse gênero, são difundidos discursos que marcam a história, buscando incutir nos sujeitos determinados posicionamentos ideológicos. Pensando nisso, defendemos a importância de tomar as manchetes como objeto de estudo para questionar as “verdades” disseminadas no referido gênero. Sendo assim, a partir dos princípios da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, buscamos investigar o discurso sobre a morte em manchetes de jornais que circulam na internet e sua repercussão nas redes sociais, através dos comentários dos internautas. Para tanto, seguindo os passos da pesquisa documental, elencamos como objetivos analisar a construção discursiva em torno do tema da morte, com base no caso do agente de trânsito da cidade de João Pessoa-PB, em jornais e em comentários que circulam na internet sobre o caso; e identificar os efeitos de sentido dos silenciamentos que perpassam as manchetes. A pesquisa realizada nos permitiu chegar à conclusão de que o discurso da morte nas manchetes jornalísticas se constitui através de uma espetacularização de fatos para atrair os leitores, fazendo com que os mesmos elejam a notícia vinculada às manchetes como um relato completo e fiel da realidade. Vimos que há momentos em que as manchetes silenciam informações importantes sobre os casos noticiados. Os comentários dos internautas nas redes sociais acabam fornecendo mais informações para o leitor, no caso da morte do agente de trânsito, do que os jornais. Além disso, os internautas se colocam diante do caso, demonstrando um sentimento de indignação e revolta diante da impunidade do assassinato.

Palavras-chave: Discurso, Morte, Manchetes de Jornais.

1 INTRODUÇÃO

A Linguística iniciou seus estudos através de teorias que se preocupavam apenas com a forma, conforme os estudos saussurianos e chomskyanos. Porém, com o avançar dos estudos linguísticos, alguns teóricos perceberam que estudar apenas a forma não era suficiente, precisava

também estudar o conteúdo e os sentidos. As ideias de autores como Foucault, Pêcheux e Bakhtin defendem a ideia de que a exterioridade também constitui a língua, fazendo-a produzir sentidos.

Acreditando que a língua “significa e é significada” não só pela forma, mas, sobretudo, por elementos históricos, sociais e culturais, buscamos respaldo na Análise do Discurso (AD) de linha francesa e em conceitos Bakhtinianos para entender os elementos constitutivos do discurso midiático, mais especificamente das manchetes jornalísticas, voltadas para o tema da morte.

Diante disso, questionamos: Como se dá o discurso sobre a morte em manchetes jornalísticas e sua repercussão nas redes sociais? Para responder essa questão-problema, elencamos os seguintes objetivos: investigar o discurso sobre a morte em manchetes jornalísticas; analisar a construção discursiva em torno do tema da morte, com base no caso do agente de trânsito na cidade de João Pessoa-PB; verificar como esse discurso da morte repercutiu nas redes sociais, por meio dos comentários dos internautas; e identificar os efeitos de sentido sobre os silenciamentos que perpassam as manchetes.

O tema da morte é recorrente nas mídias. Acreditamos que há em torno dessa temática uma construção discursiva fundamentada na espetacularização da morte, por parte dos meios de comunicação, que acabam provocando sentimentos de revolta na população. Por isso, nos inquietamos para desenvolver a pesquisa.

Consideramos importante realizar um trabalho como este, pois, além de permitir um estudo mais detido sobre o gênero discursivo “Manchete jornalística”, possibilitará um olhar mais crítico em torno do modo como os meios de comunicação vêm construindo e apresentando o tema da morte para a sociedade.

Além desta introdução, o presente artigo traz um tópico de discussão teórica sobre conceitos mobilizados pela AD e os Gêneros do discurso, focalizando a manchete jornalística; na sequência, uma discussão analítica que focaliza o discurso da morte, com base no caso do agente de trânsito de João Pessoa-PB; e, por fim, as considerações finais. Assim, no tópico seguinte, apresentaremos os conceitos teóricos que embasaram nossa pesquisa.

2 A AD E OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD) teve origem na França nos anos 60, através, principalmente, do Filósofo Pêcheux. Ao instituir a AD, Pêcheux propõe uma nova maneira de estudar o discurso, diferenciando-se dos demais estudos linguísticos de origem estruturalista e formalista. Porém, de

acordo com Mussalim (2012), não há apenas uma Análise do Discurso, temos a AD de linha francesa e a AD Anglo Saxônica. Dessa maneira, o aporte teórico que norteia nossa pesquisa é a AD de linha francesa.

Segundo Orlandi (2013), a AD não trata da língua e nem da gramática. Esses fatores são interessantes, porém, o mais importante para a AD é o discurso, pois é através dele que a linguagem apresenta o homem e seu social. Dessa forma, a língua não é vista como um sistema abstrato, mas como muitas maneiras de significar e fazer o homem significar-se. Como vimos a AD trata do discurso,

E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2013, p. 15)

O discurso representa o homem em seu meio social. E através do discurso a língua não é um sistema homogêneo, mas heterogêneo. Dessa forma, corroborando com Pêcheux, Orlandi (2013) diz que a língua passa a não ser neutra. Conforme Orlandi (2013), a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua, assim sendo, a língua através dos discursos e das ideologias dos sujeitos passa a produzir sentidos. Isto é, os discursos são únicos e acabados, mas passíveis a várias interpretações.

De acordo com a autora, a noção de discurso que se quer apresentar é diferente do esquema de comunicação que conhecemos, o qual tem como elementos o emissor, o receptor, o código, o referente e a mensagem, pois as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre os locutores. (ORLANDI, 2013, p. 21).

Para AD a linguagem através do discurso produz sentidos e esses sentidos são diversos. Mas, ainda assim, não podemos esquecer que esses discursos são permeados por fatores linguísticos, históricos e ideológicos. Para melhor compreendermos os discursos precisamos entender alguns elementos que contribuem para a elaboração desses discursos e para compreensão dos mesmos. A seguir, apresentaremos o conceito de Formação Discursiva (FD).

As palavras ganham sentidos de acordo com os fatores não apenas linguísticos e históricos, mas ideológicos também. Além disso, os sentidos das palavras também dependem das posições daqueles que as empregam. Desta forma, a formação discursiva se define como aquilo que numa

formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica - determina o que pode e o que deve ser dito. (ORLANDI, 2013, p. 43).

As Formações Discursivas (FD) não dissociam dos fatores ideológicos e sócio-históricos. Desse modo, as palavras não têm sentidos próprios, elas ganham sentidos conforme as FD que estão interligadas com as Formações Ideológicas (FI). Conforme o exposto, para Orlandi (2013), as formações discursivas não são homogêneas, são heterogêneas e estão sempre se configurando e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

Para falar em pré-construído, parto da expressão que diz “já ouvir/vir isso em algum lugar”. Conforme Pêcheux (2012), o pré-construído corresponde a algo acontecido em um contexto histórico e que ganha sentido de acordo com o caráter ideológico, isto é, também pode produzir sentido em uma nova FD. Ou seja,

[...] o pré-construído são aquelas formas reinterpretadas na língua e que significam no discurso, determinando, em relação ao que os sujeitos querem dizer, os efeitos de sentidos realizados no texto; esse fenômeno passa a ser uma espécie de interpretação, o que diferencia dos pressupostos, estes do plano do conteúdo. (DANTAS, 2007, p. 42)

De acordo com Dantas (2007), através do pré-construído podem surgir novos sentidos no discurso, conforme a interpretação que se faz. Além disso, o sujeito apaga o valor histórico do já-dito no momento da enunciação pré-construída e passa a não se responsabilizar pelo o que está afirmando, pois os enunciadores são outros, assim como os sentidos e, conseqüentemente, as interpretações.

Dessa maneira, também a definição do pré-construído pode ser feita através do que Pêcheux (2012) diz sobre o dito e o não dito, pois os fatores nos indicam o que dizer e o que não dizer na construção de um discurso. E esse dito e não dito pode remeter a um pré-construído que também assume novos sentidos e interpretações. Por falar em dito e o não dito apresentaremos a seguir os conceitos sobre silêncio para entendermos o silenciamento nos discursos.

Além dos elementos constitutivos do discurso que apresentamos anteriormente, Orlandi (2007) também achou de suma importância estudar o silêncio no discurso. Nesta perspectiva, a autora diz que o silêncio é a respiração da significação e às vezes o silêncio se faz necessário para que se possa significar e, por conseguinte, produzir sentidos. Além disso, conforme a autora, para que entendamos o silêncio é preciso saber que o

Silêncio que atravessa as palavras e que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se

diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é “fundante”. (ORLANDI, 2007, p. 14)

Para a autora, o silêncio que atravessa as palavras sempre pode ser outro e está interligado ao ato de dizer e não-dizer, podendo assim, produzir sentido ou não. Porém, não podemos esquecer que o silêncio é um elemento fundador, ou seja, por si só o silêncio pode produzir sentido.

Orlandi (2017) afirma que os sentidos produzidos pelo silêncio referentes ao não-dito se relaciona com as formações discursivas. Mediante essa premissa, Orlandi (2007) esclarece que o silêncio não tem relação com o dizer para significar, pois o sentido do silêncio não é o mesmo que o sentido das palavras. De acordo com o conceito de silêncio fundador apresentado pela autora, o silêncio produz sentidos em si mesmo e por si mesmo. Desta forma, apresentaremos a seguir o conceito de gênero discursivo e o conceito do gênero discursivo manchete.

No que se refere ao gênero do discurso em uma perspectiva dialógica é necessário entender que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Assim sendo, os elementos que compõem os gêneros do discurso podem ser orais ou escritos. E os gêneros discursivos podem ser formados por palavras, enunciados e diálogos; os quais, conjuntamente, formam a interação verbal. Desde o instante que essa interação é concretizada na história da língua e no cotidiano real das pessoas começam a surgir os gêneros do discurso. Conforme Bakhtin (2011) há diversas formas de gêneros discursivos, daí “a importância dos estudos dos gêneros tanto para a linguística quanto para a filologia” (BAKHTIN, 2011, p. 264).

De acordo com Bakhtin (2011), os nossos discursos são organizados pelos gêneros, como também são organizados pelas formas gramaticais. Logo, quanto à composição há duas formas: as formas da língua e as formas do enunciado. Porém, as formas do gênero, nas quais moldamos o nosso discurso, diferem substancialmente, é claro, das formas da língua no sentido da sua estabilidade e da sua coerção (normatividade) para o falante (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Desta maneira, as linguagens utilizadas pelos gêneros discursivos são mais fáceis de entender do que as linguagens utilizadas pelas gramáticas, pois numa perspectiva discursiva aproxima, cada vez mais, os falantes das situações concretas de uso da linguagem. Daí, a importância de se trabalhar os gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa e, de modo específico, com o gênero discursivo manchetes de jornais. A seguir, apresentaremos os conceitos teóricos sobre manchete de jornal.

As manchetes de jornais assumem uma função bastante importante no jornal, pois tem a responsabilidade de chamar a atenção dos leitores, dessa maneira, elas são responsáveis pela

compra e venda de jornais. Além disso, as manchetes também apresentam diferentes discursos, o que as tornam relevantes para o estudo da AD.

Mediante esses fatores, citaremos Cunha (2010) para nos auxiliar nos conceitos sobre manchetes de jornais. A pesquisa desse autor tem finalidade jornalística, contudo, traz informações pertinentes para esta pesquisa. De acordo com o autor, as manchetes têm corpo tipográfico maior que os textos da matéria e antecedem a notícia. Nesse sentido, manchetes são aquelas informações que tem a letra grande e por isso ganham destaque em jornais ou revistas, chamando atenção do leitor e do não-leitor. Conforme este conceito, podemos diferenciar manchetes de lead, além disso, ressaltamos que muitos teóricos do jornalismo definem manchetes como títulos.

O gênero “Manchete” se torna acessível devido à facilidade que as pessoas, principalmente os jovens, têm em relação ao uso dos meios digitais, seja por celulares, computadores, etc. O assunto relatado nas manchetes aborda temáticas do dia a dia dos jovens que se propõem cada vez mais cedo a tirarem suas carteiras de habilitação, assim como também a importância de saber as leis de trânsito, a valorização dos profissionais e os riscos dessa área, impunidade ou não das leis de trânsito quando se é rico ou quando se é pobre no Brasil.

Esta pesquisa tem a finalidade de analisar o discurso da morte presente nas manchetes, por isso não aprofundaremos mais os conceitos jornalísticos. Acreditamos que as distinções apresentadas são pertinentes para a definição do gênero discursivo abordado nesta pesquisa. No tópico a seguir, apresentaremos as questões metodológicas desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é do tipo documental, pois temos como objetivos analisar e refletir o discurso nas manchetes de jornais sobre a perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa. Segundo Kawark (2010), a pesquisa documental é elaborada a partir de materiais que ainda não receberam tratamento analítico. Nesse sentido,

[...] qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação por meio de investigação, que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico). (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 55)

Diante dessa definição, vemos que o pesquisador, além de observar, também precisa ler, refletir e criticar o documento ou os documentos que estão sendo analisados. Dessa maneira, a

pesquisa documental se caracteriza pela busca de informações contidas nesses registros, provocando reflexão e criticidade frente a esses documentos, tal como apontam Prodanov e Freitas (2013). Partindo dessa premissa, o pesquisador pode fazer crítica do texto, da autenticidade do texto ou da origem do texto (manchetes) que é a fonte documental utilizada nesta pesquisa.

Para tanto, escolhemos manchetes da plataforma digital de alguns jornais e comentários das redes sociais que tratam do caso da morte de um agente de trânsito da cidade de João Pessoa-PB, ocorrido em janeiro de 2017, como objeto para a nossa pesquisa. A escolha dessas manchetes se deu pela possibilidade de refletirmos um pouco mais sobre o discurso da morte e sua repercussão nessas manchetes de jornais.

As referidas manchetes são de diferentes jornais do G1, Blog do Gari, Portal Correio, Página social do Congresso em Foco. Além disso, analisamos alguns comentários publicados em redes sociais referentes a essas manchetes. No tópico seguinte, apresentaremos a discussão analítica.

4 A ANÁLISE DO DISCURSO EM MANCHETES DE JORNAIS: O CASO DO AGENTE DE TRÂNSITO DE JOÃO PESSOA-PB

O foco da nossa análise é o discurso sobre a morte do agente de trânsito em manchetes de diferentes jornais ou redes sociais que abordaram o caso. Na Tabela 01, destacaremos as principais manchetes apresentadas pelo G1, referentes ao atropelamento e morte do agente de trânsito em João Pessoa-PB, que representaremos através da letra M seguida de um numeral em ordem crescente. Assim, teremos M1, M2 e M3.

Tabela 01: manchetes do G1 sobre o atropelamento e morte do agente de trânsito em JP-PB

M1	Motorista atropela agente da “Lei Seca” em João Pessoa ¹
M2	Carro que atropelou agente da “Lei Seca” vai passar por perícia na PB ²
M3	Morre no hospital agente da “Lei Seca” atropelado em João Pessoa ³

Fonte: elaborado pelos autores

A M1 não apresenta os nomes do atropelado nem do atropelador, mas informa que foi um agente de trânsito que atuava na Lei Seca. Ou seja, inicialmente, o jornal apresenta um

¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2017/01/carro-fura-blitz-e-atropela-agente-da-lei-seca-em-joao-pessoa.html>>. Acesso em: Acesso em 25 jan. 17.

² Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2017/01/carro-que-atropelou-agente-da-lei-seca-vai-passar-por-pericia-na-pb.html>>. Acesso em: Acesso em 25 jan. 17.

³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2017/01/morre-no-hospital-agente-da-lei-seca-atropelado-em-joao-pessoa.html>>. Acesso em: Acesso em 25 jan. 17.

silenciamento em algumas informações como, por exemplo, “Motorista atropela”, neste discurso o jornal silencia a informação de acordo com o seu interesse, pois não apresenta o nome do motorista. Na M1, também podemos, pela marca linguística do verbo “atropelar”, questionar quem atropelou; devido ao complemento do verbo, enfim, sabemos que foi o motorista.

Além disso, a repercussão em manchetes de outros jornais e redes sociais também contribuiu para que o leitor compreendesse o discurso, mediante várias Formações Discursivas. Porém, se os nomes na manchete estivessem expostos, haveria a possibilidade de que o leitor soubesse que o acusado é família de um dos donos do Jornal da Paraíba. Para construir sentido, nessa primeira manchete, também é preciso entender, por meio do pré-construído que temos sobre Lei Seca. Desse modo, é possível construir novos sentidos em uma nova FD. Essa manchete já chamou muito a atenção dos leitores pelo fato de ser um agente de trânsito que estava a trabalho e, principalmente para evitar não só infrações no trânsito, mas também acidentes fatais como esse. Isso faz com que as pessoas tomem conhecimento do caso e opinem criticamente sobre o mesmo.

Na M2, o jornal também faz em seu discurso silenciamento de informação. O G1 tenta amenizar a situação do atropelador, uma vez que a maioria da população já sabia do acidente. No entanto, mais uma vez, há silenciamento da informação “Carro que atropelou”, pois assim, tira a atenção do motorista e chama atenção para o carro que estava sendo usado na hora do acidente.

De todo modo, o discurso da manchete já prevê a gravidade do acidente e tenta amenizar a situação do motorista. Isto é, pelo discurso exibido na manchete quem atropelou o agente foi o carro e não o motorista. Além disso, o fato do carro ser periciado já demonstra que não foi um simples atropelamento, mas que havia gravidade e risco de vida, pois o carro que atropelou o agente da Lei Seca de fato chama a atenção por ser um carro importado (Porsche).

No Blog do Gari, a manchete é a seguinte “Neto e dono do São Braz, TV Paraíba e Cabo Branco, fura blitz e atropela agente da Lei Seca em JP”⁴. Nesse enunciado percebemos o não silenciamento do discurso, pois o jornal apresenta mais informações sobre o atropelador do que o G1. Além disso, o blog apresenta o nome do atropelador, ou seja, sabe-se que é neto do dono da São Braz, das TVs Paraíba e Cabo Branco.

Assim sendo, pelo discurso “dono do São Braz, TV Paraíba e Cabo Branco”, entende-se que se trata de uma pessoa rica. Além disso, as fotos tanto do motorista quanto do agente da Lei Seca

⁴ Disponível em: <<https://martinsogari.com.br/2017/01/morre-no-hospital-agente-da-lei-seca.html>>. Acesso em: 25 jan. 17.

são expostas no blog e a do carro também, confirmando a posição social do motorista, pois não se trata de um carro popular, e sim, de um carro importado.

Diante da repercussão do acidente do agente de trânsito, o jornal Correio da Paraíba, em seu portal eletrônico de notícias (o Portal Correio), apresenta a seguinte manchete: “Entenda o que é verdade e o que é boato no caso do agente atropelado em JP”⁵. Nesse enunciado, o Portal Correio nos leva a refletir de acordo com o pré-construído sobre o que é verdade e o que é mentira. Dessa maneira, cria uma nova FD sobre o caso do atropelamento e morte do agente de trânsito, levando o leitor crítico, porém curioso, tanto a buscar mais informação quanto a ler mais sobre o caso em destaque.

Desta forma, o jornal em seu discurso, ainda que, de forma imparcial, traz uma série de notícias sobre o caso e mostra a repercussão do caso nas redes sociais. Além disso, seu discurso remete a uma possível verdade e a uma possível mentira sobre o caso. Porém, o Portal Correio deixa a critério do leitor para que ele busque essa verdade ou essa mentira, mas que o próprio leitor tire suas conclusões. Mediante a repercussão, tanto na mídia local quanto nas redes sociais, esse acidente começa a gerar polêmica, devido à sua gravidade e à situação crítica da vítima. E ao atropelador que tinha sido preso, mas por ser rico conseguiu ser solto.

Assim sendo, a repercussão deste caso aumentou mais ainda quando foi noticiada a morte do agente. No quadro de manchetes apresentadas pelo G1, na M3, o jornal em seu discurso noticia a morte do agente de trânsito. Esse discurso aumentou ainda mais a repercussão deste acidente, pois a vítima veio a óbito. E casos de morte são conhecidos como tragédias, e as tragédias historicamente comovem as pessoas, principalmente quando é noticiada em nível nacional e ganha repercussão nas redes sociais.

Diante dessas informações, começaram uma série de manifestações sobre o caso através de publicações em perfis de redes sociais. Apresentaremos alguns desses posicionamentos, na medida em que analisaremos também o posicionamento dos sujeitos em seus discursos, no que concerne a repercussão sobre a morte do agente de trânsito.

No perfil social do Congresso em Foco, temos o seguinte discurso “Herdeiro do maior grupo da indústria alimentícia da Paraíba e da afiliada da TV Globo (foto) é acusado de atropelar e matar um agente do Detran ao fugir de uma blitz da Lei Seca, Juíza mandou prendê-lo mas desembargador revogou a prisão na madrugada de domingo”⁶. O Congresso em foco, em seu

⁵ Disponível em:

<<http://portalcorreio.com.br/noticias/cidades/transito-e-transportes/2017/01/23/nws,290915,4,418,noticias,2190-entenda-verdade-boato-agente-atropelado-joao-pessoa.aspx>>. Acesso em 25 jan. 17.

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/congressoemfoco/posts/1214619038616161>>. Acesso em: 25 jan. 17.

discurso, deixa claro que se trata de um rico que atropelou e matou um agente de trânsito e mostra a revolta da população a respeito da revogação da prisão do acusado.

Nessa nova FD sobre o caso do agente de trânsito, e remetendo ao pré-construído, diríamos que esse discurso apresenta a briga entre os membros da justiça Paraibana, na tentativa de solucionar ou silenciar o caso, privilegiando o dono do Porsche. Dessa forma, o Congresso em Foco, que tem muitos seguidores em sua rede social, não silencia, mas ao contrário, através do seu discurso, apresenta as devidas informações sobre o caso. Pois mostra quem de fato atropelou o agente, suas condições sociais e sua irresponsabilidade, tendo em vista que, além de fugir da blitz por estar embriagado, atropela e mata o agente de trânsito. Além disso, por ser rico recorre a amigos que têm cargos públicos na justiça da Paraíba para livrá-lo da prisão.

Nessa perspectiva, o discurso sobre essa morte se constitui como as demais: apenas mais um número na estatística de acidente de trânsito da Paraíba e do Brasil e um fato a ser noticiado e exaustivamente explorado pelas mídias.

Mediante todas as manchetes apresentadas e a repercussão sobre a morte do agente, surgiram todos os tipos de manifestações por parte de populares a respeito do caso, em suas redes sociais. Na Tabela 02, apresentaremos apenas algumas publicações⁷, as quais serão representadas através da letra P seguida de um numeral em ordem crescente. Assim, teremos P1, P2 e P3.

Tabela 02: publicações em redes sociais sobre o atropelamento e morte do agente de trânsito em JP-PB

P1	“Quem Porsche, porsche!!! Branco, rico e livre!”
P2	“Enquanto isso, o playboy criminoso procurado só e procurado mesmo pelas pessoas que querem justiça. Essa a justiça (?), passa cega, muda e injusta”.
P3	“quiseram me prender, logo eu dono de um porsche, empresário, filho de magnata, amigo de desembargador, #triste realidade #justiça cega.”

Fonte: elaborado pelos autores

Na P1, a discussão surgiu a partir da publicação do G1, conforme exposto na Tabela 01 e na M3. Desta forma, segue uma nova FD, mostrando a indignação de populares. Assim sendo, na P1 temos um discurso que remete a outro discurso, de acordo com o pré-construído e com a FD. Nesse sentido, temos um novo discurso repleto de sentidos sobre a repercussão da morte do agente de trânsito.

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com>>. Acesso em 25 jan. 17.

Neste discurso, há um primeiro discurso “Quem Porsche, porsche!!!” que remete a um ditado popular “Quem pode, pode!!!”. E há um segundo discurso “Branco, rico e livre!” que remete a todo um contexto histórico-social do país, desde seu descobrimento até os dias atuais, o que causa até hoje diferenças entre classes sociais.

Como esse discurso em nova FD surge com novo sentido “Quem Porsche, porsche!!!” indica que através do carro usado pelo o atropelador percebemos sua condição social e o seu poder resolutivo diante do acontecido. Dessa maneira, se tem condições de possuir um porsche, um carro importado, pode também pagar bons advogados para assim conseguir a liberdade. Porque se fosse negro e pobre seria preso sem a menor dúvida.

Na P2, também em seu discurso e em uma nova FD, mostra a indignação dos amigos, dos familiares, dos colegas de profissão, e de toda uma sociedade que clama por justiça para que mais uma morte não permaneça com impunidade “o playboy criminoso procurado só e procurado mesmo pelas pessoas que querem justiça. Essa a justiça (?), passa cega, muda e injusta”, ao mesmo tempo em que critica a posição da justiça ao conceber o habeas corpus de soltura do suspeito de matar o agente de trânsito, demonstrando que esse representante da justiça paraibana não está querendo solucionar o caso ou punir o culpado pela morte do agente, mas se interessa apenas em defender o atropelador, retirando-o da prisão. Os familiares e amigos do agente ressignificam esse discurso, e criticam dizendo que a justiça além de cega é muda e injusta.

Na P3 o discurso representa a voz do atropelador “quiseram me prender, logo eu dono de um porsche, empresário, filho de magnata, amigo de desembargador”. E isto causou a indignação da sociedade “#triste realidade #justiça cega”. Nesta publicação, tomamos como um resumo de todas as manchetes expostas nesta pesquisa, pois representa a voz de uma pessoa que acha que o dinheiro resolve tudo. Feitas as reflexões das manchetes apresentaremos, a seguir as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos da AD permitiram que identificássemos que em torno do discurso da morte giram formações discursivas antagônicas que, de acordo com seu posicionamento ideológico, do lugar que ocupa na sociedade, buscam “apagar” ou “evidenciar” os fatos que marcam a manchete jornalística.

A pesquisa realizada nos permitiu chegar à conclusão de que o discurso da morte nas manchetes jornalísticas se constitui pelo silenciamento das informações e também pela

espetacularização de fatos para atrair os leitores, fazendo com que os mesmos elejam a notícia vinculada às manchetes como um relato completo e fiel da realidade.

Vimos que há momentos em que as manchetes silenciam informações importantes sobre os casos noticiados. Os comentários dos internautas nas redes sociais acabam fornecendo mais informações para o leitor, no caso da morte do agente de trânsito, do que os jornais. Além disso, os internautas se colocam diante do caso, demonstrando um sentimento de indignação e revolta diante da impunidade do assassinato.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CUNHA, Diego da Silva. **Manchetes, títulos e suas formas de expressão**: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver. 2010. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social-Jornalismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. Conceitos fundadores. *In*: **Sobressaltos do discurso**: Algumas informações da análise do discurso. Campina Grande: EDUEFPB, 2007, p. 41-127.

KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernando Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique (Orgs.). Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. *In*: MUSSALIM, Fernando; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 2. São Paulo: Cortes, 2012, p.113-165.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2013.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. ORLANDI, Eni P. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.